

28 • Público • Segunda-feira, 9 de Outubro de 2023

Cultura 24.ª edição do festival de Angra do Heroísmo

Anrajjazz mostrou diversas abordagens ao jazz na Terceira

Entre propostas nacionais e figuras internacionais, houve momentos arrebatadores e emotivos. No próximo ano, o festival será alargado para quatro dias



Numo Catarino

O festival Anrajjazz, que se realiza numa antiga praça de touros transformada em espaço cultural e reúne habitualmente centenas de pessoas todas as noites, levou neste início de Outubro seis concertos à ilha Terceira, nos Açores. Entre artistas nacionais e internacionais, o Centro Cultural e de Congressos acolheu propostas que reflectem a diversidade do jazz contemporâneo. Este ano, tal como nos anteriores, a proposta musical juntou-se uma vertente de convívio social, no intervalo dos concertos. Houve momentos memoráveis e outros arrebatadores e emotivos.

“Esta será provavelmente a única oportunidade do ano para se ver jazz deste nível [na ilha Terceira], por isso tentamos fazer chegar às pessoas aquilo que de melhor que se vai passando no mundo do jazz. Nesse sentido temos sempre o cuidado de fazer programações diversificadas, com vários tipos de formações e diversas abordagens ao jazz, sem nunca ceder em termos de qualidade”, disse em jeito de balanço Miguel Cunha, da direcção do Anrajjazz, ao PÚBLICO.

“Nos dois primeiros dias tivemos assistências acima de 90% e, no último dia, o festival esteve esgotado.”

Aquele que é um dos grandes festivais nacionais de jazz e todos os anos aposta numa programação rica, com nomes internacionais de peso, sem esquecer a representação nacional, tem como uma das características do programa incluir sempre uma proposta de jazz vocal. Este evento, já histórico, é um marco cultural para a região dos Açores, que nos últimos anos tem assistido ao surgimento de outros festivais e ciclos de concertos, mas ainda nenhum com dimensão e relevância comparável com este Festival Internacional de Jazz de Angra do Heroísmo. A organização já anunciou as datas para a 25.ª edição, que vai merecer uma celebração especial: o festival será alargado para quatro dias e irá realizar-se entre os dias 2 e 5 de Outubro de 2024.

“Estamos já motivados a pensar nas bodas de prata, que acontecerão para o ano. Vamos tentar fazer um programa mais alargado, vamos tentar fazer quatro dias, e trabalhar afinadamente para celebrar coesligadamente” esta efeméride, revelou ainda

Miguel Cunha. “Vinte e cinco anos já é muito tempo para um festival, especialmente para um festival que se desenrola nos Açores, com todas as condicionantes”, acrescentou o membro da Associação Cultural Anrajjazz, organização sem fins lucrativos que organiza o festival.

A edição deste ano arrancou na quarta-feira com a actuação da Orquestra Anrajjazz, a quem se juntou em palco o vibrafonista convidado Jeffrey Davis, que nasceu no Canadá mas vive em Portugal desde 1985. O concerto marcava os 20 anos de existência da orquestra, que é sobretudo um projecto de formação e todos os anos trabalha novo repertório. Liderada por Pedro Moreira e Claus Nyman (que não esteve presente no concerto), a orquestra açoriana apresentou uma selecção de composições sofisticada, com um conjunto de temas embrenhados na tradição, evitando clichés: *Bernie's Tune*, *Afternoon in Paris*, *Invitation*, *Stablemates*, *Jordu*, *I Remember Clifford*, *The Jody Grind* e *Footprints* - este último de Wayne Shorter, com quem Pedro Moreira trabalhou. E terá sido este o momento mais alto da

actuação: com um arranjo descontraído, abriu espaço para Jeffrey Davis brilhar no vibrafone e para um bom solo de Antonella Barletta no piano. A orquestra mostrava uma boa dinâmica colectiva, embora as intervenções individuais não tenham sido sempre niveladas: a par de alguns solos afirmativos, outros mostraram-se mais inseguros. Sem exibicionismo, Davis revelava o seu virtuosismo em solos por vezes vertiginosos. Globalmente, a orquestra trabalhou uma interpretação eficiente e o convidado ajudou a elevar o nível.

Nessa mesma noite actuou a pianista veterana Renée Rosnes, ao leme do seu quinteto com Steve Wilson (saxofones alto e soprano), Nicole Glover (saxofone-tenor), Peter Washington (contrabaixo) e Carl Allen (bateria). Para abrir, a canadiana Rosnes escolheu Galapagos, porque - como disse - lhe lembrava os Açores. Desde logo, o grupo exibiu enorme solidez, com um jazz clássico trabalhado de forma irrepreensível. O piano de Rosnes mostrava-se vibrante, com os saxofones de diferentes gerações (Wilson de 62 anos e Glover de 32) a puxarem pelo grupo, e o contra-

O concerto do Immanuel Wilkins Quartet era um dos mais aguardados no festival que contou também com o quinteto da pianista Renée Rosnes

Wilkins lançou o seu saxofone supersónico, a exibir talento. A secção rítmica era uma locomotiva, sobretudo puxada por um Rosato irrequieto; e Sumbry correspondia